



UIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
CAMPUS GOVERNADOR VALADARES

Grupo de Pesquisa OpO
[Oficina de Política]

I SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR 8 de março “Mulher, Ciência e Segurança Pública”

*Feminism is unfinished business*¹.

A proposta do *I Seminário Interdisciplinar 8 de março* é simples: trata-se de um exercício de memória. Há pouco mais de um século, num 8 de março, a ação política de mulheres trabalhadoras impôs dificuldades novas às práticas sociais fundadas na exploração. A relação inexorável entre a desigualdade material e a cultural se tornou mais visível. Desde então, essa relação seria objeto de sucessivas operações de ocultamento.

Ao longo dos anos, a condição feminina foi permanentemente explicitada pela ação política igualitária de mulheres. Acredita-se que é possível identificar os impactos da atividade política das mulheres em ocorrências de natureza simbólica, como a fixação de um dia de ‘celebração’. Na segunda metade do século XX, as mulheres ‘ganham’ uma versão mais eloquente deste tipo de registro quando, em 1975, as Nações Unidas reconheceram, no plano supranacional, o 8 de março como *Dia Internacional das Mulheres*. Dois anos depois, a instituição fixou na mesma data o *Dia dos Direitos Humanos* e o *Dia da Paz Mundial*.

Não obstante, o *Dia das Mulheres* ganhava o mundo no mesmo momento em que o mundo perdia mulheres e homens pobres todos os dias. Não é raro que a cultura sirva de operador de estabilidade nos momentos em que a economia experimenta uma de suas crises. E foram críticos aqueles anos 1970. No plano ideológico, verificou-se o sucesso de uma específica forma de depuração da luta política. Através de uma espécie de inversão, o discurso performou a mudança do lugar da cultura na cadeia causal de reprodução da vida social. Uma vez suposta a natureza cultural de problemas sociais, encontraram

¹ KINDIG, Jessie. “Introduction: we begin with what is not yet complete”. In: *The Verso Book of Feminism*. Londres: Verso Books, 2020, p. 16.

passagem os movimentos que resultaram na especialização progressiva da agenda de justiça social e a fragmentação postíca da atividade política.

Não se discute a gravidade da *crise* que desde 2008 desafia o século XXI – questiona-se apenas a conveniência de imprimir carga semântica de excepcionalidade a um estado que é constante. Em 2020, ao introduzir o ‘Livro do Feminismo’²³, publicado pela inglesa Verso Books, Jessie Kindig esclarecia o leitor sobre a pertinência contemporânea da *causa das mulheres*. Segundo a Professora do Instituto Brooklyn de Pesquisa Social, são muitas as razões para declará-la inacabada. Podem ter natureza “política, econômica [e] social’ e podem ‘ter a ver com violência, raça, capital, famílias, estados, impérios, sexualidade, reprodução e as ações dos homens’. A autora não oferece imediatamente uma interpretação dessas razões, mas alerta quanto à evidência fática daquela pertinência contemporânea: o feminismo ainda está por fazer, porque o gênero segue sendo uma razão para ‘ser morto, ferido, recusado, explorado’. A inversão do lugar da cultura parece, portanto, preservar seu desígnio no momento atual. Mas há uma diferença fundamental: agora não é mais necessário conceder à igualdade mesmo os menores ganhos. Hoje, as vitórias obtidas pela atividade política das mulheres parecem repousar sobre um terreno no mínimo movediço. Daí a importância de proteger do esquecimento a sua memória.

Propõe-se, então, o *I Seminário Interdisciplinar 8 de março*. A tarefa determinada para esta primeira edição é interpelar as peculiaridades que se impõem ao Brasil no curso das *crises* que, hoje, em maior ou menor grau, vitimam o mundo inteiro. Foi esta a orientação seguida na seleção do tema ‘Mulher, Ciência e Segurança Pública’, bem como das cientistas e policiais convidadas a participar.

Na divisão machista do trabalho, o significado do labor que coube às mulheres acumula muitos marcadores sociais negativos. De uma lista longa, importa sublinhar dois. O primeiro se expressa no significado da atividade quando associada a/desempenhada por mulheres. Mulheres são encarregadas de um volume enorme de trabalho pelo qual não são remuneradas. Este trabalho não apenas é central para a reprodução da vida social, como dele depende a produção inteira realizada por outras qualidades de labor. No mesmo sentido, quando a atividade é desempenhada tanto por homens quanto por mulheres, a regra de ouro é a da assimetria, seja nos vencimentos, seja no reconhecimento social. O segundo se manifesta na comunicação. O vocabulário mobilizado para depreciar atividades e desempenhos profissionais frequentemente é o mesmo utilizado para caracterizar as mulheres ou o feminino. E, mesmo em ambientes profissionais, remissões a uma concepção limitada de relação sexual e à suposta circunstância da mulher nela são a base do acervo de metáforas depreciativas. Não obstante, a história é

² *Loc. cit.* [tradução nossa].

³ O volume reúne uma específica qualidade de trabalho intelectual: obras produzidas por autoras ao longo de milênios, cuja unidade repousa sobre a temática da desigualdade – material e, conseqüentemente, cultural – entre mulheres e homens.

repleta de exemplos de que, em momentos *críticos*, as trabalhadoras e seu trabalho se tornam centrais. As operadoras rebaixadas do cuidado e do labor reprodutivo se tornam atoras essenciais e produtoras valiosas. Não raro, desempenhando precisamente a mesma atividade que antes.

Algo semelhante ocorre com a ciência e com as cientistas. Parte do repertório de crenças que compõem o debate público contemporâneo recorre a formas de depreciação de instituições e atores ligados ao campo da ciência. E, não obstante, impõe-se, como eloquente contradição, o fato de que algum desfecho para a crise sanitária atual depende dessas mesmas instituições e atores. Essa contradição também se verifica quando analisadas as instituições e os agentes tradicionais de segurança pública. Os vencimentos e as condições de trabalho o evidenciam. Mais recentemente, vieram a público registros do comportamento das classes afluentes e de seus mandatários quando interagem com as forças policiais. Tornou-se, então, de conhecimento comum, a ideia que fazem da polícia e de seus agentes. Entretanto, a atividade das polícias é considerada essencial, razão pela qual foi mantida sem interrupção, mediante a exposição de policiais aos riscos potencialmente fatais impostos pela *crise* sanitária.

Não espanta, portanto, que a construção de pontes capazes de promover a interlocução entre Ciência e Segurança Pública conte com o trabalho de muitas mulheres. Neste 8 de março, o Grupo de Pesquisa OpO – *Officina de Política* e a Subcomissão de Valorização da Mulher da PRF se empenharam em participar dessa construção, através do I Seminário Interdisciplinar 8 de março, o qual se organiza em dois eixos:

Eixo 1: Mulheres cientistas e construção institucional: interlocução da ciência com as forças policiais

Eixo 2: Mulheres policiais e construção institucional: interlocução das forças policiais com a ciência

Através do I Seminário Interdisciplinar 8 de março, o que se pretende é praticar e dar consequência àquele exercício de memória.